



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LIDIANE MARIA DA SILVA

VIOLÊNCIA ESCOLAR

DELMIRO GOUVEIA

2019

LIDIANE MARIA DA SILVA

VIOLÊNCIA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marilza Pavezi

DELMIRO GOUVEIA

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

S586v Silva, Lidianne Maria da

Violência escolar / Lidianne Maria da Silva. – 2017.
51 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Marilza Pavezi.
Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Ambiente escolar. 2. Violência escolar. 3. Violência simbólica. 4. Combate à violência. 5. Educação. I. Título.

CDU: 37.013

Folha de Aprovação

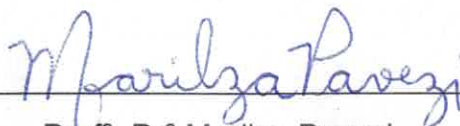
LIDIANE MARIA DA SILVA

Violência Escolar, Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marilza Pavezi

Aprovada em 22/08/2019

BANCA EXAMINADORA



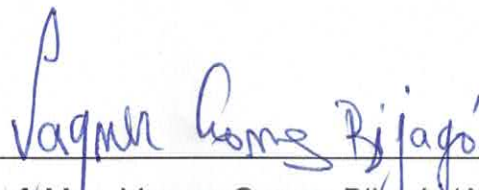
Prof^a. Dr^a Marilza Pavezi

Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão (Orientadora)



Prof^a Dr^a Ana Cristina Conceição Santos (Avaliadora interna)

Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão



Prof/ Msc. Vagner Gomes Bijagó (Avaliador externo)

Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos:

A Deus primeiramente, por ter me dado saúde e força de vontade, para correr atrás de meus objetivos.

A meu esposo por ter mim incentivado a estudar em uma fase que não acreditava mais ser possível, visto que já era mãe e teria dificuldades em cuidar do lar e de minha filha.

A minha filha que mesmo pequena e contra sua vontade ficava na casa da avó, para que eu pudesse estudar.

A minha orientadora Marilza, que acreditou em minha capacidade, que estava sempre com disponibilidade em responder minhas mensagens, de trocar experiências comigo, de ser essa pessoa educada e gentil que ela é.

Aos meus pais que mesmo não tendo estudos sempre me ensinaram que só se cresce na vida quando se vai atrás dos objetivos.

Aos meus educadores (as) do ensino médio, da Escola Estadual Francisca Rosa da Costa, pelos ensinamentos e pela minha primeira monografia desenvolvida lá com essa mesma temática e que pude aprofundar no nível superior.

A meus professores (as) da UFAL pelos ensinamentos e saberes que levarei pra toda vida.

A todos meus colegas de sala companheiros nos trabalhos, que mesmo com as desavenças e estresses fizemos dessas experiências aprendizagem na busca da tolerância as diferenças.

E a toda equipe da UFAL (terceirizados, secretários, diretores,...) que vem trabalhando com intuito de fazer uma educação de qualidade aqui no sertão alagoano.

RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa é a violência escolar. Nosso objetivo foi averiguar quais tipos de violências vêm sendo identificadas no ambiente escolar por meio da pesquisa científica, bem como, quais as alternativas de superação deste problema, apresentadas pelos pesquisadores. Realizamos um estudo com abordagem qualitativa a partir da metodologia conhecida como *Estado da Arte*, *Estado do Conhecimento* ou *Revisão de Literatura*, associada à pesquisa bibliográfica em que aprofundamos o conhecimento teórico das ideias de Pierre Bourdieu sobre violência simbólica. Analisamos cinquenta pesquisas (7 teses e 43 dissertações) e identificamos a ausência de uma teoria que investigue mais profundamente as causas da violência escolar. Por não buscar a raiz do problema algumas escolas terminam destinadas ao fracasso. A abertura de espaço reservado ao diálogo foi a solução mais apontada nas pesquisas. Neste sentido, destacamos a importância da teoria de Pierre Bourdieu que analisa o campo social a partir de uma lógica de dominação e violência simbólicas que permeiam todas as relações sociais, ancoradas na desigualdade de posse de capital cultural, econômico e social.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Escolar, Violência Simbólica, Bourdieu.

ABSTRACT

The object of study of this research is school violence. Our objective was to investigate what types of violence have been identified in the school environment through scientific research, as well as what alternatives to overcome this problem, presented by the researchers. We carried out a study with a qualitative approach based on the methodology known as State of the Art, State of Knowledge or Review of Literature, associated with bibliographical research in which we deepen the theoretical knowledge of Pierre Bourdieu's ideas on symbolic violence. We analyzed fifty surveys (7 theses and 43 dissertations) and identified the absence of a theory that investigates more deeply the causes of school violence. By not seeking the root of the problem some schools end up destined to fail. Opening the space reserved for dialogue was the solution most pointed in the research. In this sense, we highlight the importance of Pierre Bourdieu's theory that analyzes the social field from a symbolic domination and violence logic that permeates all social relations, anchored in the inequality of possession of cultural, economic and social capital.

KEYWORDS: School Violence, Symbolic Violence, Bourdieu.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Teses e Dissertações sobre Violência Escolar – CAPES (2005-2018)	12
Tabela 2-	Tabela 02- Categorização das temáticas dos trabalhos.	13

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 RETRATOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NA PESQUISA CIENTÍFICA	12
CAPÍTULO 2 UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA A PARTIR DA TEORIA SOCIAL DE PIERRE BOURDIEU.....	24
CAPÍTULO 3 ANÁLISE DAS PESQUISAS.....	32
3.1 Tipos de violência presente na escola.....	32
3.2 Práticas de combate à violência na escola.....	34
3.3 Definições, conceitos e compreensões sobre a violência na escola.....	35
3.4 A violência na escola sob o olhar dos educadores.....	37
3.5 Análises de programas e projetos de combate à violência nas escolas.....	38
3.6 O ECA e as Políticas Públicas de enfrentamento à violência na escola.....	39
3.7 Violência e fracasso escolar.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

INTRODUÇÃO

A violência é algo complexo, apresenta diferentes sentidos, e o seu significado se define a partir do seu contexto formador social, econômico e cultural, de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade. A realidade nas escolas brasileiras é retratada pelo aumento significativo de alunos e a massificação do ensino num cenário onde o índice de pobreza da população é elevado e de poucos investimentos nas áreas educacionais (SANTOS, 1999).

Esse contexto favorece o surgimento e aumento da violência na escola, o que despertou nosso interesse pelo tema. Durante a realização dos estágios na época do ensino médio em que a autora cursou o magistério, observaram-se muitos casos de violência na escola. Os professores sofriam constantemente ameaças dos alunos, sobretudo quando havia baixo rendimento escolar. As notas baixas eram vistas por esses alunos como uma afronta ou perseguição do professor, então alguns deles respondiam com enfrentamento verbal, danos aos bens do professor, depredação ao patrimônio da escola. Essa realidade é também de muitas escolas, e vem só se agravando a cada dia.

Hoje no nível superior, entendemos que após a formação, é quase certo que presenciaremos atitudes de violência na escola na qual atuaremos, como: xingamentos, gestos obscenos e perturbações das atividades pedagógicas. E cabem a nós, futuros educadores, conhecermos o problema e as possibilidades de enfrentamento.

A princípio idealizamos a realização de uma pesquisa de campo para aprofundarmos o conhecimento sobre a violência escolar, mas a partir de diálogos com a orientadora consideramos relevante analisar as pesquisas já existentes sobre o tema.

Para a realização desta pesquisa utilizamos uma abordagem qualitativa a partir da metodologia conhecida como *Estado da Arte, Estado do Conhecimento ou Revisão de Literatura*, associada à pesquisa bibliográfica.

Pesquisa é atividade básica da ciência em seu trabalho de reconstrução da realidade, vinculando pensamento e ação. Para Minayo (2002, p. 17) “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.” Portanto, a pesquisa nos possibilita construir interpretações das situações que vivenciamos.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2002), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações humanas, por isso se adéqua a temática em questão. Sendo a violência um problema antigo voltado para a atitude negativa do ser humano, e que persiste com mais força nos dias atuais, carece de estudos para a busca de soluções.

A metodologia de pesquisa conhecida como *Estado da Arte*, *Estado do Conhecimento* ou *Revisão de Literatura* é um levantamento (seleção) de documentos (publicados ou não) sobre um determinado tópico. Após o levantamento e catalogação, selecionam-se os textos mais significativos, de acordo com critérios explícitos, para uma análise criteriosa (HART, 2001).

Muitas pesquisas não apresentam uma revisão de literatura, e quando as tem é limitada. Não basta limitar-se ao levantamento e síntese de resultados, é necessário fazer um cruzamento de idéias, criação de categorias de análise e teorização. A revisão de literatura sobre o tema de nosso interesse nos propiciou uma visão mais ampla da temática, bem como nos possibilitou identificar lacunas e outras características consideradas relevantes. A revisão de literatura é o ponto de partida para a elaboração de pesquisas mais originais, que tratam de problemas atuais ou abordem aspectos pouco explorados de objetos já investigados, contribuindo assim para o avanço do campo pesquisado. (HART, 2001).

Os procedimentos metodológicos usados aqui consistem no levantamento de pesquisas correspondente à temática, organizadas em categorias no primeiro capítulo, seguido da abordagem das idéias do autor Pierre Bourdieu no segundo capítulo, a fim de construir um referencial teórico para subsidiar as discussões e análises do objeto.

O aprofundamento teórico das ideias de Pierre Bourdieu consiste em estudo bibliográfico, ou seja, um estudo desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2008).

Neste trabalho de conclusão de curso analisamos cinquenta trabalhos científicos (teses e dissertações), a fim de averiguar quais violências essas pesquisas vêm identificando no ambiente escolar, e quais são as conclusões bem como alternativas de superação deste problema, apresentadas pelos autores. Embora, em sua maioria, as pesquisas analisadas não apresentem uma

abordagem do problema, *violência escolar*, com base na teoria social de Pierre Bourdieu, nós lançamos este olhar sobre o tema.

O foco principal desse estudo não foi de atribuir à escola, professores e alunos a responsabilidade, e sim procurar identificar a que tipo de violência estes estão sendo submetidos ou até aderindo como: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; violência física, bullying, violência simbólica ou institucional.

Ressaltamos que a importância desse trabalho se dá em mostrar quais violências vem se manifestando nas escolas. Acredita-se que esse estudo aprimorará o conhecimento e a compreensão desse fenômeno sugerindo estratégias de amenização destes conflitos na escola. Pensando nisso essa pesquisa trás o autor Pierre Bourdieu com seus estudos, a fim de confrontar ou relacionar seu pensamento com os achados dos autores das cinquenta pesquisas analisadas aqui.

Este trabalho assim esta organizado: O primeiro capítulo trás as cinquenta pesquisas resultantes do levantamento de trabalhos com a temática *Violência Escolar*, organizadas em categorias pela autora. A busca foi realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES¹.

No segundo capítulo apresentamos as fundamentações teóricas de Bourdieu trazendo suas obras como: *O Poder Simbólico* (BOUDIEU, 1989); *A miséria do mundo* (BOURDIEU, 2008); e *A Reprodução* (BOURDIEU; PASSERON, 1970).

O terceiro capítulo faz uma análise das pesquisas do primeiro capítulo, de acordo com as categorias. Todas essas categorias são analisadas de acordo com a linha de pensamento de Bourdieu.

Nas considerações finais apresentamos uma síntese da pesquisa bem como destacamos as principais conclusões e algumas possibilidades de ações para a minimização da violência escolar com base na teoria social de Bourdieu.

¹ Disponível em <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> Acesso em: 29 jan. 2019

CAPITULO 1

RETRATOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NA PESQUISA CIENTÍFICA

Essa pesquisa teve início com o levantamento de trabalhos com a temática *Violência Escolar*. A busca foi realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES², tendo sido localizados 390 trabalhos mediante a utilização do descritor “violência escolar”, e do filtro área de conhecimento e “Educação”. A fim de fazer um recorte, procedeu-se à leitura dos títulos para selecionar 50 trabalhos que mais se aproximassem do objeto de interesse. Deste processo resultou a elaboração da Tabela 1 apresentada abaixo.

Tabela 1 – Teses e Dissertações sobre Violência Escolar – CAPES (2005-2018)

TIPO DOC.	QUANT.	AUTORES
TESES	07	VASCONCELOS, RENATA 2010; ALMEIA SINARA 2009; BESERRA MARIA 2015; PURIFICAÇÃO MARCELO 2014; PAULO THAIS 2013; GOMES SIMONE 2016. PITO RAQUEL 2013.
DISSERTAÇÕES	43	FERNANDES RAQUEL 2010; SOUZA CARLOS 2012; ZECHI JULIANA 2008 ; VERGNA ARIEL 2016; BAMBERG RUBIA 2017; PEREIRA MARIA 2015; DINIZ JULIA 2015; RODRIGUES PAULA 2013; GOÊS VALERIA 2012; GIORDANI JACQUELINE 2015; DIOGO MARILIA 2015; MEIRELES JACQUELINE 2015; MARDOLINO EMANUELLA 2015; ABRANCHES LIVIA 2016; MARQUES EDI CARLOS 2009; JUNIOR ADENOR 2018; MARTINS ENI 2005; PUPO KATIA 2007; NOGUEIRA PATRICIA 2015; SOUZA JUNIOR 2015; LIMA ANDERSON 2016; SANTANA TACIANA 2014; BARROS MARIA 2014; SILVA GABRIELE 2017; BONFIM THAIS 2017; BATISTA ENRIQUE 2015; ARAGAO AMANDA 2013; ANDRADE VANI 2016; RODRIGUES MARIA 2014; PEREIRA MARIA

² Disponível em <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> Acesso em: 29 jan. 2019

2003; OLIVEIRA ELIANE 2017; ALESSIO FERNANDA 2007; FARIAS KLAUS 2016; SOUSA TAISA 2014 SOUSA GESILANE 2016; OLIVEIRA HELDER 2013; GUTERRA ANA 2015; SABARDELOTTO SANDRA 2013; JUNIOR EDUARDO 2014; CARVALHO PATRICIA 2013; CARVALHO SANDRA 2013; RICCIARDE ANDREA 2013; COSA MARIANA 2014; ALMEIDA ADRIANA 2016.

TOTAL 50

Fonte: CAPES, 2019, elaborado pela autora.

Para realizar a categorização dos temas abordados nestes 50 trabalhos, foram lidos os seus resumos. O resultado foi a identificação de sete categorias conforme Tabela 02.

Tabela 02- Categorização das temáticas dos trabalhos.

CATEGORIAS TEMÁTICAS	DISSERTAÇÕES	TESES	TOTAL
Tipos de violência presentes na escola	14	3	17
Práticas de combate à violência na escola	9	2	11
Definições, conceitos e compreensões sobre a violência na escola	8	0	8
A violência na escola sob o olhar dos educadores	4	1	5
Análise de Programas e Projetos de combate à violência na escola	4	0	4
O ECA e as Políticas Públicas de enfrentamento à violência na escola	3	0	3
Violência e fracasso escolar	1	1	2
TOTAL	43	7	50

Fonte: CAPES, 2019, elaborado pela autora.

Estes trabalhos de pesquisas bibliográficas e de campo analisados aqui, de uma forma geral buscaram compreender se existem conflitos e violências na relação entre professores e alunos, entre alunos x alunos ou gestão x alunos nas escolas, se

a escola é capaz de resolver os conflitos, e como a escola, sendo um espaço sociocultural e democrático, pode ser palco da mesma.

As metodologias usadas nesses trabalhos de modo geral foram de estudo de casos, usando pesquisas bibliográficas e de campo, através de questionários, entrevistas semi-estruturadas (gravações transcritas) observação sistemática, análises documentais e também pequenas atividades de conscientização (pesquisa-ação) para com os alunos.

Percebe-se que os temas que mais se destacaram nessa pesquisa foram os **Tipos de violência presentes na escola** (17). Essas pesquisas de campo foram realizadas em salas de aulas de ensino regular, com intuito de averiguar de que formas a violência vem se manifestado nas escolas e quais são as mais praticadas pelos alunos e também pelos professores.

Uma delas é a violência intrafamiliar, Giordani (2015), que nada mais é que violência doméstica que vem interferindo no comportamento dos alunos. A pesquisa revelou que geralmente os professores não tomam providências devidas nesses casos, só nos extremos a escola procura o conselho tutelar.

A violência física que passa a ocorrer no ensino fundamental geralmente por motivos fúteis é muito comum nas escolas, principalmente entre alunos de 12 a 14 anos. A violência verbal é a mais vista em sala de aula, sendo mais praticadas por adolescente com faixa etária de 15 a 18 anos.

O bullying conhecido como atos violentos que podem causar problemas físicos e psicológicos nas vítimas, é o mais comum nas escolas, de acordo com as análises de Goés (2012). Os alunos, na pesquisa, não escondem que já foram vítimas do bullying como também admitem já terem praticado contra alguns colegas, desta vez sendo o agressor. Geralmente as vítimas são alunos que tem renda baixa, algum tipo de deficiência, aparência diferenciada ou até mesmo sem nenhuma causa aparente, apenas por não simpatia.

Outra violência identificada em um dos trabalhos (ALESSIO, 2007) é a violência simbólica. Conhecida por ser uma violência invisível essa violência ocorre sob forma de coação física, moral e psicológica, também muitas vezes pela própria escola.

O trabalho de Bonfim (2017) discutiu a violência de gênero, essa que muitas vezes é um preconceito gerado e alimentado pelos mais diversos espaços sociais.

Por isso há uma necessidade de se abrir espaço para o diálogo. Nas escolas nessa pesquisa ficou claro o interesse dos alunos por debates sobre a mesma, pois do contrário a escola termina praticando violência psicológica, por preferir silenciar as expressões sexuais. Cabe a escola, como democrática que deve ser, desconstruir a ideia de que falar de gênero é falar de sexo biológico e que feminino não deve ser visto de forma inferior ao masculino, pois o machismo ainda tem muita força, e a escola como emancipadora não deve alimentá-lo.

Em um dos trabalhos de Almeida (2016), ficou claro que a agressão física traz consigo a violência psicológica e simbólica, ao gerar prejuízos emocionais ao agredido, pois essa violência é muitas vezes silenciada pelas vítimas. Na pesquisa muitas vítimas não se dispuseram a falar do ocorrido. A própria gestão tenta omitir casos dessa natureza para a escola manter sua imagem perante a sociedade, pois admitir esses casos é o mesmo que admitir que fracassou em sua função de formadora de cidadãos.

Nos trabalhos dessa natureza percebeu-se que os atos de violência ocorrem na maioria das vezes pelos próprios alunos, isso porque a baixa tolerância à diversidade e a escassez de habilidades sociais, são os principais fatores demonstrados pelos alunos. Os trabalhos analisados aqui nessa categoria mostram que são breves e superficiais as estratégias usadas pelas escolas analisadas para com esses alunos, com efeitos mais punitivos que educacional formativo. Em casos de violência simbólica são muitos alunos que não tem consciência de sua própria vitimização, eles demonstram dificuldade sem identificar outras violências que não seja agressões físicas e verbais.

Nesses trabalhos as principais conclusões foram no sentido de que os profissionais necessitam de formação, pois a maioria apresentou poucos conhecimentos sobre o fenômeno da violência escolar e de suas estratégias de prevenção e enfrentamento, para que os mesmos possam trabalhar melhor as questões de convivência e ter mais habilidades sociais com os alunos. E que embora exista percepção de que a violência já se naturalizou entre alunos e que sempre esteve presente e vem se perpetuando ao longo dos anos, os educadores não devem omitir, pois do contrário essa realidade terminará por desencadear outros comportamentos negativos e ficando impossível seu controle.

Na sequência em segunda colocação ficaram as **Práticas de combate à violência na escola** (13). Essas pesquisas procuraram analisar se as escolas estão buscando práticas de combate à violência.

Nessa categoria percebeu-se que em algumas escolas pesquisadas, em alguns dos trabalhos analisados aqui, não estavam preparadas para gerenciar os conflitos e a violência. Sugeriu-se, pelos autores das pesquisas em suas conclusões, uma estratégia de intervenção baseada no diálogo, pois essa mediação poderia possibilitar interações criativas para ir de encontro a soluções dos enfrentamentos, de forma que não ocorra injustiça.

E nessa linha de pensamento Rodrigues (2013) tem como principal objetivo analisar a mediação dialógica, sob a perspectiva dos estudos realizados por Abramovay et al (2002), Derbabeux (2002) e Spósito (1998) e das perspectivas dialógicas de Freire (1987), Bohm (1989) e Bakhtin (1997). Esse estudo trás consigo múltiplos fatores e contextos, que devem ser analisados juntamente levando em conta diferentes concepções de violência, tratando-a como um fator externo à escola, de responsabilidade da família ou da sociedade, bem como as relações da própria instituição. A abertura de espaço para o diálogo é imprescindível para a escola, pois, é o diálogo que nos dá a oportunidade de libertação, aproximação e de crescimento como seres humanos, juntos partilhando e construindo conhecimentos.

Algumas pesquisas trouxeram projetos de intervenção, um deles é o projeto “ECOAR”– Espaço de Convivência, Ação e Reflexão (MEIRELES, 2015), o mesmo só é possível se a equipe técnica da escola adotar a Psicologia. Esse plano de enfrentamento à violência consiste em cinco estratégias: a) compartilhamento de informações; b) criação de espaços esportivos e artísticos; c), a equipe do projeto deve buscar desenvolver ações que minimizem o problema (violência); d) criação de espaços de participação; e, e) por último o acompanhamento de um psicólogo aos estudantes.

Em uma das pesquisas Purificação (2014), aponta que a violência na escola promove entre os alunos o desinteresse pelos estudos e insegurança, e entre os professores, a perda de estímulo pelo trabalho e medo, pois na visão de ambos a escola não é mais vista como ambiente de mediação de conflitos. Teóricos, como René Girard e Pierre Bourdieu e Jürgen Habermas, são usados para fundamentar a pesquisa, eles apontam como proposta a formação dos professores e o desenvolvimento de uma cultura da paz, priorizando valores como a ética, a

solidariedade e o respeito. Girard trás o objeto que motiva o conflito e dá lugar ao desenvolvimento da violência. No pensamento de Bourdieu a escola é praticante da violência simbólica. Já Habermas defende que se deve aderir nas escolas à aplicação da teoria da ética do discurso uma cultura para o enfrentamento da violência.

Purificação (2014) chega a defender Sagrado, como uma boa estratégia para o problema, ele pode ser discutido em outros ambientes fora das religiões, podendo ajudar na reflexão tanto da paz como da violência, e que temos o livre arbítrio da escolha.

Outra forma de estratégia sugerida em uma das pesquisas é a reflexão sobre a importância da abordagem de narrativas sobre violência no espaço escolar, por meio de contos, utilizando essa prática no Ensino Médio, pois é na literatura que o aluno se torna mais pensante, crítico, capaz de compreender sua realidade, ele consegue avaliar seu mundo e o seu contexto social. (GUTERRA, 2015). Além de ser um fator primordial na formação escolar. O principal objetivo dessa intervenção é que através da literatura, os alunos possam refletir a partir de textos contemporâneos que tratam de experiências de violência. Dessa forma esta prática de leitura serviria também para valorizar os textos literários.

Uma das pesquisas de mestrado do Instituto Federal do Rio Grande do Sul-Campus do Sertão, de autoria de Silva (2017), trás uma intervenção bastante enriquecedora, com o apoio do Departamento de Assistência Estudantil e os núcleos do campus. A pesquisa consiste em explorar a conflitividade escolar entre adolescentes a partir da ação político-pedagógica, com objetivo de compreender suas manifestações, sua prevenção e intervenção. Essa parceria, buscar o entendimento da problemática, construir ações e potencializar os recursos humanos. Além de uma realização de trabalho interdisciplinar, busca-se nessa intervenção, apesar de sabermos que a convivência escolar é um desafio, uma educação mais inclusiva, eliminando as práticas excludentes na instituição.

Os autores nessa categoria compreendeu que a violência social influi sobre a violência na escola, o desafio é avançar na democratização das relações didático-pedagógicas entre o professor e os alunos. A escola deve abraçar essa luta e um dos caminhos seria a abertura de espaço de participação e debate, a escola também deve adotar políticas que apontem para a inclusão, levando-se em conta fatores que

estão presentes nas escolas como as diferenças e a diversidade, para que haja efetiva redução nos casos de violência escolar.

No que diz respeito à implantação do sagrado na escola, onde Purificação (2014) acredita que o sagrado pode sim ser trabalhado nas escolas, ajudando a trazer paz num ambiente de violência, não é recomendado essa prática, pois vivemos em um país laico, com diversidades de religiões e isso poderia infringir alguma delas.

Na categoria **Definições, conceitos e compreensões sobre a violência na escola** (08), foram colocadas algumas pesquisas que trazem uma noção da violência de forma breve e consciente e com alguns atenuantes complementares para auxiliar na compreensão da temática.

A violência tem preocupado pais e escolas nesses últimos anos, por essa razão fez-se necessário pesquisas que abordassem a temática e por sua vez também houve a necessidade de se investigar como as mesmas têm sido analisadas e explicadas em suas abordagens teóricas e quais são suas metodologias. Um dos trabalhos de natureza bibliográfico, analisado aqui, trás vinte e um trabalhos do “Estado da Arte” de estudos produzidos em Programas de Pós-graduação em Educação do Estado de São Paulo de 2000 a 2005, foi possível perceber que elas trazem novos elementos capazes de caracterizar a problemática (ZECHI, 2008).

Através da metodologia da entrevista, o que vem se observando muito nas pesquisas realizadas, é a interpretação da violência de forma diferenciada pelas escolas, sem criar um espaço para elucidar essa temática, dificultando sua superação.

Nas escolas existem diferentes conceitos de violência, isso pode ser mostrado em duas das pesquisas analisadas aqui (ALESSIO, 2007; COSTA, 2014). Grupos de educadores e de seus alunos demonstraram ausência da percepção da violência simbólica no ambiente escolar apontadas por Bourdieu e Passeron (1970).

Estes estudos apontam que a violência está configurada na gênese das relações de produção sociais e na essência para a formação do homem. A violência escolar nada mais é que expressões das relações violentas que acontecem fora da escola. O caminho mais eficaz é a superação da atual estrutura e organização social desigual, que produz a violência. Esta superação não é fácil visto que envolve toda uma história que vem passando por várias gerações.

Os autores Alessio (2007) e Costa (2014) afirmam que a escola deve se apoiar na Psicologia Histórica Cultural, que apresenta subsídios teórico-metodológicos para formulação e análise do problema ajudando no enfrentamento da problemática, explicando as relações sociais e psicológicas para nortear a escola a realizar intervenções de forma emancipadora.

O conflito sempre esteve no convívio social, para tratá-lo é preciso que se eduque, pois os gerenciamentos dos conflitos estão no diálogo e, portanto, ações dialógicas precisam ser incluídas no projeto político pedagógico da escola. O diálogo fará com que os envolvidos percebam a violência que praticam ou que sofrem, levando-os a perceberem sua naturalização que termina influenciando na sua não percepção.

Os autores nessa categoria defendem que tomando essa postura a escola estará mostrando práticas da educação dos direitos humanos em vista de construir a solidariedade dentro da escola, objetivando a preparação dos sujeitos de bem para a sociedade.

Na quarta categoria **A violência na escola sob o olhar dos educadores** (5), eles trazem o que os educadores pensam sobre a violência escolar, e como os mesmos refletem seus trabalhos e como eles lidam com as ocorrências em seu dia a dia.

Professores relatam que as gestões de suas escolas defendem o diálogo, mas as relações de poder ainda se encontram enraizadas em seu espaço. Por não haver padronização do que é indisciplina ou violência, muitas escolas acham que a indisciplina é resultado das dificuldades de aprendizagens dos alunos. Em relação aos casos de violências, a escola diz que são casuais, quando ocorridos os educadores não podem tomar nenhuma providência, pois os conflitos cabem apenas à coordenação da escola resolver. Além disso, na pesquisa de Vergna (2016), foi possível notar que os alunos eram pouco ouvidos, embora a escola defenda o discurso do diálogo.

Em uma das escolas pesquisadas por Paulo (2013), que por sua vez estava paralisada pela violência, os professores usavam a psicanálise para nortear uma possível solução, pois antes usavam muitas punições, mas não surtiavam efeitos. Com a psicanálise os mesmos passaram a investir mais nos diálogos, nas tomadas de decisões, aderindo uma reorganização também na gestão da escola. O que os

alunos muitas vezes esperam da escola é serem ouvidos, acolhidos e analisados, e é esse espaço democrático que a escola deve abrir.

Os Professores enxergam a violência nas formas explícitas dos conflitos corporais dos alunos. As percepções que os professores temem relação à violência estão diretamente relacionadas com as desigualdades sociais que a cada dia só aumentam, com os problemas familiares que mexem com o estado emocional dos alunos e também a mídia, pois a mesma trás uma modernidade que vêm enterrando conceitos, embora tradicionais, mas antes eficazes na educação. De acordo com Pereira (2003), faz-se necessário, não responder violência com ofensa e agressão, nem ser indiferente às cenas das mesmas, mas sim adaptar o projeto pedagógico para sua superação, além é claro de principalmente dividir a obrigação da formação e da educação com as famílias dos alunos, juntas com o apoio do Estado, buscar, políticas públicas para solucionar o problema.

Como nos últimos anos a violência vem aumentando, fazem-se necessários também estudos que as investiguem e promovam vários espaços de discussão referentes aos problemas. A pesquisa realizada por Pereira (2015) mostrou que os professores percebem a violência simbólica na escola. O autor utilizou o aporte teórico de Bourdieu e Paulo Freire, em seus termos de formulação de violência enquanto opressão do homem sobre o homem. Essa pesquisa resultou na confirmação de uma realidade ainda em processo, onde as escolas ainda omitem a violência, mesmo quando a mesma vem afetando o trabalho, a saúde psicológica dos educadores.

Dando seguimento, ao analisar as percepções dos professores, foram sugeridos em uma das pesquisas os temas transversais para trabalhar a temática da violência escolar (ABRANCHES, 2016). Os professores e coordenação demonstraram pouco conhecimento do documento, mas alegam ter tido contato com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) no percurso de sua formação. Eles dizem que os PCNs apresentam pouco conhecimento científico, não oferecem trabalho interdisciplinar e coletivo que possam ser trabalhados ao longo do ano sobre a temática. Por isso, mesmo sabendo que existem casos de violências na escola, não pode usá-lo como apoio. Abranches (2016) afirma a importância de deixar claro que a escola também não vem se ajustando para buscar soluções e ações combativas.

Na pesquisa de Martins, (2005) verificou-se que a baixa frequência é um fator agravante de escolas que tem casos de violências. O item mais citado é o diálogo, pois é o caminho mais percorrido na busca do enfrentamento da violência. As práticas indispensáveis nessa batalha são: a) atividades grupais que supõem ações em direção a um objeto comum; e, b) reuniões de professores e pais, pois o apoio da família é fundamental. Não se verificou a presença policial na escola como forma de prevenção, no entanto, registrar atos violentos dos alunos no livro de ocorrências é uma ação preventiva.

Na quinta categoria (4), buscam-se as ações de **Análise de Programas e Projetos de combate à violência na escola**, realizados por algumas escolas diante da violência. Pois várias iniciativas são criadas para prevenir a violência, mas poucas são analisadas quanto a sua eficácia.

No Mato Grosso do Sul, o Projeto Avanço do Jovem na Aprendizagem (AJA-MS) foi objeto de pesquisa de Junior (2018). Esse Projeto é subsidiado em cima de aportes teóricos da Psicologia, trazendo autores como: Vygotsky, Luria e A. Leontiev. Os entrevistados foram os coordenadores de três escolas que participam do projeto. Na entrevista o autor percebeu várias interpretações sobre as gênese da violência nas escolas, a primeira é a individualização no sujeito, a segunda valorizava a condição educativa do espaço escolar e outras estavam voltadas para culpabilizações e punições aos indivíduos. A conclusão que Junior (2018) chegou é que além da necessidade de mais infraestrutura, a escola é um espaço marcado pelo fracasso.

A pesquisa de Batista (2015) analisou o Projeto Caravana da Cidadania nas Escolas e Comunidades – CEC, desenvolvido na zona sul de Manaus para diminuir o tráfico e consumo de drogas bem como os casos de violência nas comunidades. O estado através desse projeto mostra a importância da atuação, pois a escola e o Estado devem trabalhar juntos na formação do aluno para atuar na sociedade. O projeto tem como resultado as prisões realizadas, e apreensões. Participam do projeto alunos, pais, comunidade, e gestores de escolas públicas da região. Ficou claro para Batista (2015) que o projeto cujo lema é prevenção vem fazendo um bom trabalho nas escolas.

Realizado em duas escolas da Bahia o projeto Mediação Escolar em Pauta, é um projeto experimental, desenvolvido através de atividades, observações, tendo sido objeto de investigação de Rodrigues (2014). O projeto tem por objetivo resolver

os conflitos com intervenções e ação preventiva na segurança pública e no âmbito escolar. O resultado da implantação do projeto “Mediação Escolar em Pauta” mostrou que é possível ter uma cultura de paz nas escolas através de um projeto sólido e que trabalha a pacificação social.

Outro projeto que vem dando certo, de acordo com as análises de Faria (2016), é o projeto “Papo de Resposta” como ferramenta de prevenção à violência juvenil realizado por policiais civis do Estado do Espírito Santo. Este projeto busca possíveis impactos e mudanças nos alunos, educadores e no ambiente escolar.

Outra categoria é **O ECA e as Políticas Públicas de enfrentamento à violência na escola (3)**. As três dissertações trazem as intervenções que buscam mudanças, de forma estratégica para resolver os casos de violências. Nesse sentido, o trabalho de Nogueira (2015), buscou averiguar como as políticas públicas são formuladas. O resultado mostrou que as mesmas eram típicas de um modelo de política incremental³. A autora fez uma revisão de literatura sobre o tema e estudou o caso da formulação do Sistema de Proteção Escolar e Cidadania de 2009, do estado de São Paulo. Esta política gerou avanços no tratamento do tema. No entanto, as características impressas por seu processo de formulação limitam mudanças mais consistentes na realidade da violência nas escolas.

Santana (2014), diz que uma formação continuada é necessária quando se fala em políticas públicas. A profissionalização docente na formação continuada de professores é um requisito para o trabalho docente, devido às mudanças sociais, o que exige a formulação de políticas públicas que atendam às diferentes demandas e que respondam a esta problemática.

Uma das pesquisas nessa categoria, de autoria de Diniz (2015), aborda um levantamento de trabalhos dos últimos dez anos (2001-2010) referente à temática. Com fundamentação teórica em Pierre Bourdieu, Phillipe Ariès e Bernard Charlot, buscando a complexidade e entendimento do fenômeno violência, visando identificar: o agressor; quem sofre; e qual é a real causa dessa violência. Nessa pesquisa fica claro que quem comete mais violência não são os alunos e sim a própria escola. Isso porque a violência está ligada as questões sociais, que por sua

³ “O modelo incremental significa tentar solucionar problemas de forma gradual, sem provocar rupturas nem grandes modificações. Este modelo parte do pressuposto de que: a) a decisão envolve relações de poder; não é apenas uma questão técnica; b) os governos democráticos não possuem liberdade total para a alocação dos recursos públicos.” Disponível em: <http://casadepolitica.blogspot.com/2011/01/para-saber-mais-modelo-incremental-de.html> Acesso em 22/07/2019

vez é a escola que deve trabalhá-la no dia a dia. No entanto, a escola é a peça chave para solucioná-la. Por vivermos em um país tão desigual fica a dúvida se a escola tem meios para resolver esse problema. Visto que o resultado da pesquisa mostrou que a escola comete violência contra o aluno, se faz necessário investigar como a escola faz uso do Estatuto da Criança e do Adolescente e como ocorre sua aplicação.

E para finalizar temos a categoria **violência e fracasso escolar**, encontrada em duas pesquisas, uma de doutorado de Vasconcelos (2010) e a outra de mestrado, de Lima (2016).

A tese, com base na psicanálise, investiga a violência escolar como um sintoma do fracasso escolar. Trata-se de um projeto inovador que a o direito à educação em tempo integral, no entanto, termina não surtindo muito efeito, pois na hora da transmissão de conhecimentos, deixa a desejar. O projeto não consegue de fato atrair os jovens e conscientizá-los de que é preciso mudanças, pois os mesmos, aqueles tidos como os que cometem atos violentos, alegam que esses projetos terminam identificando-os ou fazendo eles se sentirem como vagabundos e favelados. O que esses alunos esperam, segundo relatos de alguns (tidos como mentores), é que escola apenas cumpra seu papel de ensinar.

A dissertação busca analisar os discursos dos conselheiros escolares, frente às indisciplinas e o seu próprio funcionamento. A conclusão foi que tanto os professores como os conselheiros tinham grandes dificuldades em tratar as indisciplinas dos alunos. Os entrevistados atribuem essa dificuldade às concepções que devem, segundo eles, sofrerem mudanças, como as acomodações das práticas tradicionais usadas para com as indisciplinas dos alunos e também a falta de debates sobre as mesmas nas escolas.

Ao finalizarmos a análise destes cinquenta trabalhos, agrupados em sete categorias, corroboramos as conclusões de Pereira (2015), ao afirmar a necessidade da continuidade de pesquisas que visem a preencher os vazios e as lacunas do processo de formação humana, a fim de garantir as condições para solucionar este problema, transpondo os resultados científicos em ações efetivas para a minimização da violência escolar.

CAPITULO 2

UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA A PARTIR DA TEORIA SOCIAL DE PIERRE BOURDIEU

Ao entrarmos em contato com a teoria social de Pierre Bourdieu, percebemos que os estudos desenvolvidos por ele, em pesquisas empíricas, ao longo de sua vida, poderiam nos ajudar a entender melhor as diversas formas de violências que acontecem nas escolas. Embora seus estudos não tratem de situações específicas de violência escolar, com exceção da pesquisa sobre o sistema de ensino Francês da década de 1970 (BOURDIEU; PASSERON, 1970), o autor estuda e analisa o campo social a partir de uma lógica de dominação e violência simbólica que permeiam todas as relações sociais.

Pierre Bourdieu foi um grande sociólogo contemporâneo que viveu até 2001. Em seus trabalhos o autor analisa o mundo social no qual estamos inseridos, a partir dos diversos campos e sub-campos que o compõem. Destaca que a realidade é constituída por um sistema de símbolos (cultura: língua, religiões, costumes, artes, leis, etc.). Este sistema de símbolos tem o poder de construção da realidade e é denominado pelo autor de *campo simbólico*. Suas reflexões sobre as relações de classe se baseiam na luta pelo domínio deste campo.

O sistema simbólico, aceito como legítimo em uma dada sociedade, resulta da luta entre várias outras formas de representação. Portanto, este sistema acaba sendo imposto aos demais e exerce o poder de construir um consenso sobre o sentido do mundo social. Neste processo, outras formas de representação, não dominantes, tornam-se não legítimas e são excluídas ou marginalizadas no campo social.

A esta imposição, de um sistema simbólico como legítimo, para aqueles que perderam a luta pela definição do sistema simbólico do seu campo social, Bourdieu chama de violência simbólica (ex.; a religião oficial será esta e não aquela; a língua oficial será esta e não aquela; o modelo de governo será a República e não a Monarquia). De acordo com o autor, a violência simbólica é exercida com a adesão do dominado à legitimidade dos princípios que fundamentam seu estado de dominado. Isso acontece porque tanto o dominado como o dominador estão submetidos às mesmas regras dominantes e, portanto, possuem os mesmos

instrumentos para conhecer e compreender o mundo social. Isto justifica a dominação como algo inscrito na ordem das coisas, irreversível e natural (*doxa*). Neste sentido, o dominado colabora com sua dominação, mas não de forma consciente, como esclarece o autor:

A violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, à dominação), quando dispõe apenas, para pensá-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento partilhados entre si e que fazem surgir esta relação como natural, pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação (...) (BOURDIEU, 2001, p. 206-207)

Através do poder simbólico, cujos instrumentos de dominação asseguram ao mesmo tempo a negação e a conservação do uso absoluto da força, o exercício do poder se desenvolve com o uso de signos que indicam a força sem a necessidade de mobilizar esta força, negada e conservada. Esta mudança na forma de uso do poder que substitui a violência física e brutal por uma forma de violência simbólica resulta no predomínio das lutas de representação que são responsáveis pela criação e ordenamento do mundo social. Neste sentido, “o poder simbólico só se exerce com a colaboração dos que lhe estão sujeitos porque contribuem para construí-lo como tal.” (BOURDIEU, 2001, p. 207)

No entanto, esta colaboração ou submissão também resulta do efeito de um poder que se explica no conceito de *habitus*, ou sistema de disposições incorporado. Os agentes internalizam ou incorporam as estruturas objetivas do mundo social na forma de esquemas de percepção, pensamento, apreciação, julgamento e classificação que vão orientar as suas ações, com efeitos na realidade do mundo.

Bourdieu (2001) afirma que é através dos símbolos que se torna possível o sentido do mundo social, contribuindo para a reprodução da ordem. O autor expõe dois âmbitos para o sistema simbólico: quem os produz, como e o porquê de fazê-lo, e o âmbito de sua recepção, ou seja, a quem se destina e o porquê de se submeterem a ele. Nessa relação um depende literalmente do outro e, portanto, entende-se que o poder simbólico é a legitimação das formas de poder dominantes.

Os sistemas simbólicos possuem uma função de integração social, ou seja, uma relação de luta dentre suas mais variadas formas, em que as classes envolvidas buscam impor, através desse poder, seus interesses para definição do mundo social. Portanto, produções simbólicas são, de fato, instrumentos de dominação. Esse conceito desenvolvido pelo autor se explica pelo fato de que a

mesma cultura que une, por intermédio da comunicação, é a mesma cultura que separa as classes, pois é justamente aí onde está esse poder dominante, mostrando, ou melhor, determinando que exista a diferença das culturas e que a mais privilegiada é a da classe dominante e, portanto as demais classes devem se submeter a ela, além de serem menos valorizadas e prestigiadas. Para Bourdieu:

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, tem em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores. (BOURDIEU, 1989, p.12)

Assim, a classe dominante, que tem seu poder pautado no capital econômico, tem em vista impor a legitimidade de dominação, ou melhor, de domesticação de uma classe sobre a outra, o que por sua vez acaba gerando violência simbólica.

Portanto, Bourdieu (1989) conclui que o poder simbólico é um poder disfarçado, irreconhecível e legitimado. Pode-se dizer que ele é invisível, pois geralmente não depende do uso da força física ou econômica para ser exercido, portanto acaba sendo ignorado.

Nessa visão do poder simbólico Bourdieu trás uma análise da violência simbólica e fracasso escolar em duas de suas obras: *A miséria do mundo* (BOURDIEU, 2008); *A Reprodução* (BOURDIEU; PASSERON, 1970).

A miséria do mundo trás as relações entre exclusão escolar e exclusão social. Trata das modificações do sistema de ensino que causam exclusão, trazendo experiências de jovens que se desiludiram com as falsas promessas das escolas, tidas como democráticas. Na verdade as escolas estão moldadas pela exclusão, com a falsa imagem de escolarização para todos, mas que na verdade favorece apenas uma classe, a dominante.

Um dos efeitos mais paradoxais deste processo, que foi até definido como "democratização" (de forma um tanto precipitada, e com certa prevenção), foi à descoberta progressiva da função conservadora da Escola "libertadora", por parte dos marginalizados. De fato, depois de um período de ilusão, e até de euforia, os novos beneficiados começaram a perceber que não era suficiente ter acesso ao ensino secundário para ter sucesso nele, e que não era suficiente ter sucesso nele para ter acesso às posições sociais, que o secundário abria na época do ensino elitista. (BOURDIEU, 2008, p. 482)

Na obra *A Reprodução* (1970), Bourdieu e Passeron afirmam que a pedagogia é imposta a partir de um poder arbitrário, pois a mesma adere a uma cultura imposta pelas classes dominantes, chamada arbitrário cultural. A posse de capital cultural está

relacionada ao nível sócio econômico dos alunos e às experiências culturais. Na medida, que o aluno pertence à classe dominante ele terá mais facilidade de aprendizagem do que os alunos da classe popular, visto que a cultura tem início na família e o capital cultural é toda a bagagem que a família transmite aos filhos como saberes, valores e práticas.

Considerando que a escola trabalha com a cultura dominante, para os alunos das classes populares essa cultura é algo distante de sua realidade, pois têm contato com outros valores e práticas, os quais são ignorados pela escola. Isto leva a escola a atestá-los como não inteligentes, por não se adequarem aos conteúdos e códigos dessa cultura arbitrária.

Desta forma, a escola exerce a violência simbólica ao impor um “arbitrário cultural” que aumenta a desigualdade entre os alunos e mantém a desigualdade das classes sociais. Embora não haja nenhum plano maquiavélico por parte dos professores para atuarem dessa forma, pois todos internalizam a mesma estrutura vigente, o sistema de ensino cumpre “sua função social de reprodução das relações de classe, assegurando a transmissão hereditária do capital cultural e sua função ideológica de dissimulação dessa função, inspirando a ilusão de sua autonomia absoluta.” (BOURDIEU, 1975, p. 208).

A violência simbólica é resultado da desigualdade de posse desse capital cultural, ao impor o mesmo, o professor neutraliza as alternativas que o aluno teria para agir, havendo uma imposição de legitimidade naquilo que é dito pelo agente, impedindo que o aluno vislumbre alternativas e possibilidades.

Os autores definem a ação pedagógica como um ato de violência, um processo educativo de ação coercitiva, de força. Para os mesmos a escola não promove a igualdade de oportunidades, ela não é neutra nem justa, ela é duplamente arbitrária, pois tendo a possibilidade de atuar a partir de um pensamento crítico e agir com autonomia, terminam atendendo às imposições das classes dominantes através da comunicação pedagógica, dissimulada e legitimada pela autoridade pedagógica.

Esta violência simbólica exercida pela escola, não se aplica a todos os alunos, mas àqueles das classes populares. Enquanto os alunos da elite se adéquam ao sistema escolar com mais facilidade, os alunos das classes populares acabam sendo eliminados antes mesmo de serem avaliados. Para isso os autores

usam o termo “probabilidade de passagem e de êxito”, ou seja, os alunos pobres têm menores chances de alcançar o nível superior.

Eis porque a estrutura das oportunidades objetivas da ascensão pela Escola condiciona as disposições relativamente a Escola e à ascensão pela Escola, disposições que contribuem por sua vez de uma maneira determinante para definir as oportunidades, de ter acesso à Escola, de aderir as suas normas e de nela ter êxito, e, por conseguinte as oportunidades de ascensão social. (BOURDIEU; PASSERON, 1970, p.190)

É nos conteúdos dos planos pedagógicos e no tratamento diferenciado que é dado a determinados alunos que ocorre essa violência. Os professores não levam em consideração as variadas formas dos alunos aprenderem. Os alunos passam a desprezar suas peculiaridades e especificidades para serem meros reprodutores de conhecimentos. A escola fixa apenas um plano de ensino para toda a extensão dos alunos e suas singularidades, favorecendo os alunos que já se moldaram a classe dominante. De acordo com a teoria de Bourdieu entendemos que o professor também é dominado simbolicamente e não deve ser percebido como algoz, reproduz o ethos dominante.

Chamamos de violência simbólica essa imposição da cultura dominante, essa violência ocorre de várias formas, desde quando o professor impede o aluno de pensar, e quando faz distinção dos alunos de acordo com suas condições sociais intelectuais. Embora tais atitudes sejam antiéticas e possam ser considerados crimes, sabe-se que ainda perpassam as paredes escolares.

A possibilidade de existir a diversidade social e cultural como complementaridade na escola é nula quando a mesma tem seguido um plano de forma única, daí fica estabelecido um único patamar. O que pode levar a variadas formas de discriminações. Por isso que as desigualdades se perpetuam nas escolas, pois esta reproduz a lógica estrutural da sociedade.

Com isso percebe-se que os autores defendem em seu trabalho como um todo, que não só o sistema de ensino francês, mas todos de uma forma geral reproduzem as hierarquias existentes, se escondendo atrás da propaganda de igualdade, democracia e oportunidade para todos.

Os autores tentam passar em suas obras, a dura realidade que as classes populares estão submetidas nos sistemas de ensino. O que mais impressiona na obra é que embora tenha sido redigida em 1970, ela se mostra bem atual, e isso só nos revela que os acertos não estão evoluindo. Parece que embora a sociedade perceba o quão estão errados e são injustas nas divisões sociais e políticas, não

buscam corrigir os rumos. Os homens incorporaram uma forma de perceber o mundo, na qual o senso de democracia, igualdade e justiça, só existe apenas numa estrutura de hierarquia que o mundo adotou e que parece que assim permanecerá.

Fica evidente que Bourdieu e Passeron mostram preocupação nessa convivência dos indivíduos movida pelo poder simbólico, pois esse poder se contrapõe a valores mais igualitários e democráticos que acabam sendo esquecidos, ou melhor, dominados/domesticados por esse poder simbólico. Há uma dupla funcionalidade desses valores no sistema capitalista real para a classe dominante e falsa para o povo.

A discussão sobre violência simbólica é mais aprofundada no livro *A Reprodução*, onde Bourdieu e Passeron (1970) concluem que a escola ao adotar esses preceitos dominantes, aos quais eles chamam de arbitrário cultural, ou seja, uma cultura que se impõe sobre a outra, estará reproduzindo as formas de pensar e os valores das classes dominantes, e com isso o ensino ficará demasiadamente acessível para alguns e não para todos os alunos, como nos faz parecer.

Tomando como base as ideias de Bourdieu, percebemos que as diversas formas de manifestação de violência na escola sustentam-se numa mesma lógica, ou seja, a lógica da dominação e da violência simbólicas.

Percebemos que as situações de violência acontecem nas relações entre os sujeitos, e nestas relações alguns sujeitos se consideram superiores aos outros. Esta superioridade decorre dos valores que a sociedade convencionou como normas para o convívio social, embora muitas delas não estejam explícitas, encontram-se naturalizadas no campo social.

Neste trabalho, analisamos as formas mais recorrentes de violências nas escolas a partir destas perspectivas. Consideramos que a violência de gênero, o bullying e outras como a física ou psicológica presentes na relação aluno-aluno e aluno-professor, se devem à dominação que aqueles que se consideram superiores exercem sobre aqueles que julgam inferiores.

Bourdieu (2012) trás em uma de suas obras a questão da dominação masculina que ao longo da história vem reprimindo o gênero feminino de forma simbólica, com ajuda da sociedade ganhou força e até hoje persiste. Esse poder é reproduzido em três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, agindo de forma inconsciente, ou a partir de uma razão estrutural do inconsciente.

A família é a principal agente de reprodução da visão masculina ao defender tradições machistas que colocam a mulher como ser frágil e incapaz. Quanto à Igreja, ela defende a decência e os costumes tradicionais, condenando a femilidade, tendo o pensamento machista como caminho da moral. E a escola ensina modos de pensar voltados para um modelo arcaico onde o homem é o princípio ativo que pode ocupar todas as dimensões, enquanto a mulher tem o espaço limitado de submissão passiva. E por fim o Estado defende a ordem social e a moral na divisão dos gêneros, onde a família patriarcal deve ser vista como modelo absoluto.

A dominação androcêntrica (masculina) vê as mulheres enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Quando ela foge do padrão de “feminina” é tida como lésbica. Ainda nos dias atuais, as mulheres não conseguiram sua posição de igualdade com o sexo oposto, mesmo ocupando as mesmas profissões com os mesmos diplomas, são sempre menos remuneradas que os homens, ocupando sempre cargos menos elevados e precários, e em fase de desemprego são as mais atingidas.

O masculino e o feminino obedecem sempre à lógica do modelo tradicional. No espaço público os homens continuam a dominar as profissões e a área de poder como, por exemplo, o econômico e a produção, ao passo que as mulheres ficam destinadas quase sempre as áreas de reprodução e ao espaço doméstico, atendendo a lógica simbólica, ou a extensões desse intercambio como os serviços sociais que seria as áreas educativas, artísticas, áreas literárias entre outros.

A mulher precisa romper atributos obrigatórios da “feminilidade”, deixar de ser apenas uma coisa feita para ser olhada, moldada pela sociedade e o poder simbólico, ela deve ver seu corpo para si mesma e não para o outro, deixar as ações passivas para adotar ações ativas. Diminuindo assim as posições de poder dos homens e conquistando seu próprio espaço.

Só uma ação política que leve realmente em conta todos os efeitos de dominação que se exercem através da cumplicidade objetiva entre as estruturas incorporadas (tanto entre as mulheres quanto entre os homens) e as estruturas de grandes instituições em que se realizam e se produzem não só a ordem masculina, mas também toda a ordem social (...) poderá, em longo prazo, sem dúvida, e trabalhando com as contradições inerentes aos diferentes mecanismos ou instituições referidas, contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina (BORDIEU, 2012, p.139)

Outra violência muito praticada é o bullying, quanto a isso Bourdieu também trás o efeito da dominação simbólica seja ela de etnia, deficiência, de gênero, de cultura, de língua, classe social, entre outros, são causadas também de forma particular pela pressão do dominador sobre o dominado. Essa forma de dominação causa angústia intimidação e agressão, termina modificando o comportamento do outro e sua vontade. A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, como que por magia, de força, também muitas vezes invisíveis. Bourdieu não fala claramente sobre o bullying, mas seu discurso nos leva a crer que a violência simbólica também são atos de coerção calculada, como forma de um individuo perseguir outro de forma hipnótica onde tenta coagir com, ameaças, censuras.

Para Bourdieu (1999) as vítimas dessa magia do poder simbólico trazem manifestações como o gaguejar, o desajeitamento, o tremor, a raiva e outras tantas maneiras de se submeter, mesmo contra a vontade, ao juízo dominante. A humilhação, timidez, vergonha, ansiedade, também são resultados dessa fronteira mágica que os dominantes exercem sobre os dominados aceitando tacitamente os limites impostos às emoções corporais.

Trazendo tudo o que foi discutido aqui nesse capítulo no pensamento de Bourdieu voltado para o ambiente escolar, fica claro que as escolas precisam se tornar emancipadoras e não reprodutoras, priorizando e respeitando as particularidades e singularidades de cada aluno para além das estruturas e interesses hierárquicos da sociedade. Só assim a integração e sentimento de seio escolar que se espera será posto verdadeiramente em prática, cujo único interesse deve ser formar homens conscientes e críticos, para lutar contra toda a forma de preconceito e pretensão moldante de mente humana.

CAPÍTULO 3

ANALISE DAS PESQUISAS

Nesse capítulo será feita uma análise das pesquisas do primeiro capítulo, de acordo com as categorias, cujos temas são: a) Tipos de violência presentes na escola; b) Práticas de combate à violência na escola; c) Definições, conceitos e compreensões sobre a violência na escola; d) A violência na escola sob o olhar dos educadores; e) Análise de Programas e Projetos de combate à violência na escola; f) O ECA e as Políticas Públicas de enfrentamento à violência na escola e, g) Violência e fracasso escolar. Todas essas categorias serão analisadas de acordo com a linha de pensamento de Bourdieu.

3.1-Tipos de violência presentes na escola.

Essa categoria trás a violência intrafamiliar, essa violência doméstica vem interferindo no comportamento dos alunos. A pesquisa revelou que geralmente os professores não tomam providências devidas nesses casos, só nos extremos a escola procura o conselho tutelar. Esse tipo de violência, Bourdieu defende que é resultado da dominação masculina, pois a família é a principal agente de reprodução e tradições machistas, que é repassado de pai para filho, que coloca a mulher como ser frágil e incapaz e que deve se submeter às suas vontades. Para Bourdieu esta violência está relacionada com a divisão dos sexos, ou melhor, “a ordem das coisas”. O mundo social adotou essa divisão dos sexos de forma arbitrária que foi se naturalizando e legitimando ao longo dos anos.

Para o autor,

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres. (BOURDIEU, 2012, p.18)

A mulher vem buscando seu espaço cada vez mais, vem rompendo normas tradicionais, no entanto ela é vítima dessa dominação que alimenta a virilidade e a questão da honra que os homens insistem em impor. Por não aceitar a liberdade da companheira, muitos homens buscam na violência formas de intimidá-la, e isso afeta os filhos no seu psicológico e desempenho escolar.

As pesquisas que analisaram as formas de violência como: o bullying, a violência física, e a simbólica, concluíram que elas estão interligadas e são as mais comuns nas escolas. Ambas causam problemas psicológicos nos alunos, embora a escola tente omitir esses casos, pois admitir é o mesmo que assumir que fracassou em sua função. Bourdieu não aborda claramente em suas obras a questão do bullying, ele trata da violência nas relações a partir do poder simbólico, onde os próprios dominados desencadeiam sua própria dominação, aceitando humilhações e limites impostos, desenvolvendo emoções corporais como: vergonha, ansiedade, timidez e culpa. Essa dominação é invisível, o dominador leva o dominado a sentir emoções tais como: desajeitamento, cólera, tremor, raiva, esses sentimentos são causados pelo mesmo se submeter às vontades do dominador contra sua vontade. (BOURDIEU, 2012).

Outra violência abordada nas pesquisas é a de gênero, essa é muitas vezes silenciada nas escolas. Por não trazer diálogo sobre a mesma com os alunos termina reforçando a inferioridade do feminino ao sexo oposto. Para Bourdieu, as mulheres encontram-se sempre em papéis menores e são até hoje consideradas “sexo frágil”. A masculinidade, ao longo da história vem se comparando a uma nobreza, onde tem mais reconhecimento que as mulheres.

Muitas escolas não abrem espaço para tratar este tema, o que termina sendo arbitrário. Deve-se mostrar que o sexo feminino não é inferior ao masculino, embora exista um grande domínio masculino na sociedade, e a escola por sua vez deve desconstruí-lo, mostrar que a mulher ao longo da história vem ganhando seu espaço e que tem capacidade intelectual e física para exercer funções tidas como só masculinas. A imagem de sexo frágil deve ser desconstruída e é aí que entra a escola como emancipadora que se preze.

Hoje em dia os movimentos feministas vêm rompendo esse círculo do reforço generalizado que fortalece a dominação masculina, justificando e defendendo mudanças e igualdade no espaço social. Conquistas como trabalho assalariado, acesso ao ensino médio e superior, independência econômica, independência das tarefas domésticas, novos tipos de famílias diferentes do tradicional entre outros, são resultados de lutas.

No campo profissional há uma grande dissimulação na qual enfatiza igualdade de gênero entre os homens e as mulheres, mas que na verdade as

mulheres ocupam sempre cargos menores, na mesma profissão passam a ganhar menos que o sexo oposto.

E, depois de longas lutas das mulheres para fazer reconhecer suas qualificações, as tarefas que as mudanças tecnológicas radicalmente redistribuíram entre os homens e as mulheres serão arbitrariamente recompostas, de modo a empobrecer o trabalho feminino, mantendo, decisoramente, o valor, superior do trabalho masculino.(BOURDIEU, 2012, p.76)

A escola, antes conivente com essa dominação, hoje deve mostrar mais senso crítico, não induzindo sob forma de esquemas à consciência nas alunas a visão dominante, que as levam a achar normal a exclusão de carreiras e as posições ditas apenas como masculinas. A escola deve abrir espaço de debate sobre gênero, incluindo as discussões sobre sexualidades (homossexualidade, transexualidade, etc.), não ocultando essa dominação masculina que insiste em legitimar a nobreza e suas profissões como suas propriedades viris.

3.2-Práticas de combate à violência na escola.

Esse estudo analisa se as escolas estão buscando práticas de combate à violência, apontando múltiplos fatores e contextos que devem ser analisados juntamente, levando em conta diferentes concepções de violência. Em sua maioria, os estudos tratam da violência como resultado de um fator externo à escola, de responsabilidade da família ou da sociedade, bem como de relações da própria instituição. No entanto, a escola é parte do problema portanto a questão não externa. A abertura de espaço para o diálogo foi apresentado como imprescindível para a escola, pois é o diálogo que garante a oportunidade de libertação, aproximação e de crescimento como seres humanos que juntos partilham e constroem conhecimentos.

Essa categoria trouxe algumas pesquisas que apresentam projetos de intervenção para a superação da violência na escola. Um deles é o projeto “ECOAR” – Espaço de Convivência, Ação e Reflexão (MEIRELES, 2015), que buscou a democratização das relações e a ampliação da participação dos alunos.

O sagrado é adotado como estratégia no projeto de Purificação (2014), ele pode ser discutido em outros ambientes fora das religiões, podendo ajudar na reflexão da paz e da violência, ambos resultados do livre arbítrio.

A intervenção através da literatura desenvolvida por Guterra (2015), propõe que os alunos possam refletir a partir de textos contemporâneos que tratam de

experiências de violências. Dessa forma esta prática de leitura serviria também para valorizar os textos literários.

Silva (2017) trás uma intervenção bastante enriquecedora, com o apoio do Departamento de Assistência Estudantil e os núcleos do campus que consiste em explorar a conflitividade escolar entre adolescentes a partir da ação político-pedagógica, com objetivo de compreender suas manifestações, suas prevenções e intervenções.

Para Bourdieu e Passerom (1970), a maior violência é a simbólica, a escola precisa ter consciência disso. Para os autores a escola não promove a igualdade de oportunidades, ela não é neutra, pois ela atende a cultura da classe dominante. Chamamos de violência simbólica essa imposição da cultura dominante, esse tipo de ensino favorece os alunos pertencentes às classes dominantes e prejudica os de classe popular por não ter o mesmo capital cultural.

A escola, na maioria, não percebe essa violência que pratica, tenta adequar-se a esse sistema que defende seus interesses próprios, impondo práticas que vão reforçar essas desigualdades sociais. A violência ocorre nos conteúdos e tratamentos diferenciados a determinados alunos. Não levando em consideração as variadas formas dos alunos aprenderem, compreender, e também suas culturas, favorecendo apenas os alunos que já se moldaram as classes dominantes. A lógica, do poder arbitrário está no instrumento de manipulação desse modo de “aprender”, os alunos passam a desprezar suas peculiaridades e especificidades para serem meros reprodutores de conhecimentos.

Percebemos que alguns projetos de intervenção apresentaram propostas que podem levar à superação ou minimização das situações de violências, por se basearem em estratégias que diminuem as diferenças e ampliam as participações (MEIRELES, 2015; GUTERRA, 2015; SILVA 2017). Já o projeto de Purificação (2014), tem sua metodologia voltada para uma relação de poder, onde é imposto aos alunos regras e conceitos religiosos, que devem ser seguidos.

3.3- Definições, conceitos e compreensões sobre a violência na escola.

Essa categoria aborda algumas pesquisas que trazem uma noção da violência de forma breve e consistente e com algumas informações complementares, para auxiliar na compreensão da temática.

A primeira pesquisa é “Estado da Arte” de estudos produzidos em Programas de Pós-graduação em Educação do Estado de São Paulo de 2000 a 2005,

Nessa pesquisa foram analisados 21 trabalhos, cujo resultado trás a interpretação da violência de forma diferenciada pelas escolas, as mesmas não criam um espaço para elucidar essa temática, dificultando sua superação.

Em duas pesquisas, de Alessio (2007) e Costa (2014), Grupos de educadores e de seus alunos demonstraram ausência da percepção da violência simbólica no ambiente escolar, conforme apontadas por Bourdieu e Passerom (1970).

A violência está configurada na produção social e na formação do homem. É a violência de trás dos muros que penetra nas escolas, sua superação é difícil, pois envolve toda uma história de gerações e que precisa de um longo processo para mudança. A Psicologia Histórica Cultural é uma boa opção teórico-metodológica, oportuniza a análise do problema ajudando no enfrentamento da situação e na sua intervenção.

Uma das razões da violência é o conflito, para tratá-lo o diálogo é o caminho e pede sua inclusão no projeto político pedagógico da escola. A conclusão que todos os autores nessa categoria chegaram é que o ensinamento das práticas dos direitos humanos seguidos de solidariedade é fundamental na preparação dos sujeitos.

Ter uma definição da violência escolar não é muito fácil, pois a mesma envolve vários fatores como: culturais, individuais e históricos. O mundo é marcado pela desigualdade social, a mesma vem sendo construída desde o início da humanidade. Quanto a isso Bourdieu apresenta o conceito de violência a partir de um sistema simbólico, aceito como legítimo em uma dada sociedade. As classes populares, vítimas dessas desigualdades, são sempre mantidas nessa posição de dominadas, pois é isso que fortalece a classe dominante, e não é de interesse desta que isso mude. Por isso que as escolas têm um ensino dissimulado, onde tenta passar imagem de igualdade de oportunidade para todos mais que na verdade visa apenas atender a esse poder dominante de forma legitimada.

Para Bourdieu a maior expressão da violência está verdadeiramente na desigualdade social, que por sua vez potencializa a violência simbólica, e não é só a escola que reforça, mas sim outros sistemas simbólicos como: a religião, as leis, a língua oficial, isso para manter a ordem e o controle.

3.4-A violência na escola sob o olhar dos educadores.

Essa categoria apresenta o que os educadores pensam sobre a violência escolar, como os mesmos refletem seus trabalhos e como eles lidam com as ocorrências em seu dia a dia.

Para os professores a desigualdade é a maior causa da violência escolar, também problemas familiares e a mídia. Eles enxergam a violência nas formas explícitas nos conflitos corporais dos alunos e nas baixas frequências. Além disso, as equipes de gestão acham que a indisciplina é resultado da dificuldade de aprendizagem dos alunos. O diálogo é o principal instrumento de combate a violência, mas é barrado pelas relações de poder, em razão de uma relação verticalizada.

Os professores demonstraram que se sentem frustrados por não poderem interferir nos conflitos, pois nos casos investigados, só a gestão é que poderiam resolver estas situações. Nas pesquisas ficou claro que os professores ainda omitem algumas situações de violência com receio de macular sua imagem profissional, mesmo quando isto vem afetando seu trabalho e sua saúde psicológica.

Bourdieu conta, em seu livro *A miséria do mundo* (2008) a história de uma professora. A mesma fala do entusiasmo que um recém-formado tem ao iniciar a carreira, das expectativas, sua militância e também o fracasso que deu espaço ao cansaço e o desânimo e ao sentimento de ter doado sua vida, e só receber ingratidão de alguns alunos e pais.

As pesquisas indicaram que os professores se sentem desanimados, a falta de reconhecimento é a principal causa, os mesmos não têm o reconhecimento da gestão, dos alunos, dos pais, nem do Estado, então o resultado é esse, o que termina comprometendo a qualidade de seu trabalho, o que confirma que os professores também são vítimas.

Ao passar dos anos o docente fica desolado, tanto pelas condições do ensino quanto a relação que adquire com os alunos. O acolhimento dos alunos é esperado, é imaginado também que a relação será boa, mas isso nem sempre acontece. Em alguns casos alunos e professores terminam virando inimigos, embora os professores tenham se preparado para isso, não é fácil ter controle e se impor quando preciso. Isso gera cansaço ao longo da carreira, mas o pior, segundo relatos de professoras é saber que estão conferindo diplomas sem valor, o que leva a um sentimento de fracasso por não ter contribuído o suficiente para a formação desses

alunos. Os professores vivem esse drama em sua carreira, mas os alunos também vivem, pois são vítimas da violência que a escola pratica. (BOURDIEU, 2008).

Para Bourdieu e Passeron (1970), a escola é conservadora e não libertadora, pois impõe a cultura dominante às classes populares, exigindo das mesmas o reconhecimento e a legitimação do saber das classes dominantes, não reconhecendo outra cultura como legítima, gerando uma desculturação. A escola exige o uso de uma linguagem mais formal, intelectual e abstrata, enquanto que nas classes populares a linguagem que se manifesta com mais ênfase é a coloquial.

É perceptível que o processo pedagógico acentua as diferenças encontradas nos contextos escolares. A escola atribui vantagem àqueles alunos que já detêm a aderência à classe dominante, aqueles que alcançam as metas da instituição. Os conflitos, que envolvem os alunos de classe popular, muitas vezes se expressam na forma de emoção corporal (vergonha, timidez, ansiedade), em seu esforço para atender as diretrizes impostas.

A escola precisa emancipar e não reproduzir, priorizando e respeitando as particularidades e singularidades de cada aluno para além das estruturas e interesses hierárquicos da sociedade. Os professores não devem se abater, buscar soluções é preciso como: o diálogo; projetos; atividades grupais que propõem ações em direção a um objetivo comum; reuniões de professores e pais; pois o apoio da família é fundamental. Essas práticas são indispensáveis nessa batalha.

3.5- Análise de Programas e Projetos de combate à violência na escola.

Nessa categoria reúnem-se pesquisas que buscaram ações realizadas por algumas escolas diante das violências. Várias iniciativas são criadas para prevenir a violência, mas poucas são analisadas quanto a sua eficácia.

Um dos projetos é do Mato Grosso do Sul, o Projeto Avanço do Jovem na Aprendizagem (AJA-MS) analisado pelo pesquisador Junior (2018). Esse Projeto é subsidiado por aportes teóricos da Psicologia, trazendo autores como: Vygotsky, Luria e A. Leontiev. Três escolas participaram desse projeto. O autor percebeu na entrevista diferentes interpretações que os coordenadores das escolas tinham sobre a gênese da violência, a primeira era a individualização do sujeito em lidar com a mesma, a segunda valorizavam o espaço escolar, e as demais que se aproximavam mais da culpabilização e da punição.

Dois projetos que deram certo foi o Projeto Caravana da Cidadania nas Escolas e Comunidades – CEC, desenvolvido na zona sul de Manaus analisado pela pesquisa de Batista (2015) e o projeto, “Papo de Resposta” analisado por Faria (2016). O primeiro busca possíveis impactos e mudanças nos alunos, educadores e no ambiente escolar que combate o tráfico e consumo de drogas bem como os casos de violência nas comunidades, mostrando a importância do combate e a prevenção, com apoio de pais e alunos. Já o segundo é um projeto de prevenção à violência juvenil realizado por policiais civis do Estado do Espírito Santo.

Ainda como um projeto experimental, chamado Projeto Mediação Escolar em Pauta, analisado por RODRIGUES (2014), faz-se acreditar que é possível ter uma cultura de paz nas escolas através de um projeto sólido e que trabalha a pacificação social. O projeto tem como objetivo resolver os conflitos com intervenções e ação preventiva na segurança pública e no âmbito escolar desenvolvido através de atividades de observação.

Para Bourdieu as relações de poder estão nas organizações e regras criadas pela sociedade, onde todos devem segui-las. Esses projetos citados nessa categoria trás claramente essas imposições de poder onde os policiais são seus maiores representantes, deixando claro para os cidadãos que vivemos em bases de leis e que aqueles que não as atenderem sofrerão punições. Portanto essas imposições vão contra as superações de situações de violência de acordo com o pensamento de Bourdieu, pois o poder autoritário é o principal causador da violência simbólica.

3.6-O ECA e as Políticas Públicas de enfrentamento à violência na escola.

Nessa categoria temos três dissertações, as mesmas trazem práticas que buscam mudanças, de forma estratégica para resolver os casos de violências. NOGUEIRA (2015) analisa a formulação das políticas públicas onde mostra que as mesmas avançaram práticas e algumas inovações que lidam com o tema (violência nas escolas) no entanto, seu processo de formulação limita mudanças nesse setor.

As outras duas pesquisas são de Santana, (2014) e Diniz, (2015). A primeira ressalta que uma formação continuada sendo necessária quando se fala em políticas públicas. Quanto mais preparação melhor, um profissional bem preparado saberá lidar com as mudanças sociais, o que exige a formulação de políticas públicas que atendam a esta problemática. Já a segunda aborda um levantamento de trabalhos dos últimos dez anos 2001-2010 referente à temática. Esse estudo

busca entender a violência no espaço escolar, visando identificar, quem pratica e quem sofre violência. O resultado foi que quem comete mais violência ao contrário do que se pensa não são os alunos e sim a própria escola. E é a própria escola quem pode buscar soluções.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) tem por objetivo proteger os direitos humanos das crianças e dos adolescentes. Tal lei é formada por um conjunto de normas. As políticas públicas são delegações do governo que criam atividades que influenciam as vidas dos cidadãos.

Embora o ECA seja uma lei criada para uma causa nobre, não deixa de ser mais uma imposição de poder, causadora da violência simbólica de acordo com Bourdieu, lei essa, que nada mais é que a representação do poder simbólico, criada para intimidarem uso absoluto da força, poder esse que se desenvolve com o uso de signos responsáveis pela criação e ordenamento do mundo social. As políticas públicas são a representação fiel desse poder simbólico, embora tenha por função buscar assegurar os direitos à sociedade constitucionalmente.

3.7-Violência e fracasso escolar.

Essa categoria é composta por duas pesquisas, uma tese e uma dissertação. A tese de Vasconcelos (2010), com base na psicanálise foi realizada em uma instituição marcada pelo fracasso, essa escola trabalha projetos de intervenções, que tem como lema a educação em tempo integral, mais os resultados não foram muito satisfatórios, pois não estavam atraindo os jovens e muito menos os conscientizando-os. Isso porque os alvos (alunos tidos como praticantes de violência) não estavam abertos a esses projetos, isso porque não querem se sentirem apontados pelos mesmos.

Já a dissertação de LIMA (2016), analisa os discursos dos conselheiros escolares, frente à indisciplina e o seu próprio funcionamento. Ficaram claro que os conselheiros têm dificuldades em tratar as indisciplinas dos alunos, os mesmos atribuem às indisciplinas as acomodações das pedagogias tradicionais, e a falta de diálogos, pois a escola tem que reservar espaço para o mesmo.

Para Bourdieu o ensino foi e é tido como "democrático", mas tem função conservadora. Não bastava entrar na escola, não era suficiente ter sucesso a ela para ter acesso às posições sociais. O fracasso escolar era quase certo que iria desiludir as percepções de alunos e pais,"obstáculos culturais" ou "insuficiências

pedagógicas" era o destino daqueles que nutria a esperança que as portas da educação se abririam. O fracasso era o destino, dos excluídos. Mas a escola atribuía à culpa à própria vítima e os pais aos educadores, mas autor afirma que o verdadeiro culpado é o próprio sistema global que persiste até hoje, e que necessita de uma reforma.

Com isso as classes populares terminam vendo a escola como decepção coletiva onde as promessas se recuam e que mesmo conquistando o diploma o que não é muito fácil, o aluno terminará se dando conta que todo esse processo sofrido foi tempo perdido.

Segundo Bourdieu (2008) a escola faz jogo duplo. Ela gera mal-estar crônico, reprimido os alunos, o fazendo acreditar que é culpado pelo não êxito na escola. Para o autor esses são os fracassados relativos. Por isso em verdade objetiva a escola nunca alcança o sucesso completo e simplesmente cultiva essa exclusão, mantendo âmago aqueles que ela exclui marginalizando-os.

O autor afirma que:

Por causa destes mecanismos, que se somam à lógica da transmissão do capital cultural, as mais altas instituições escolares, e especialmente aquelas que levam às posições de poder econômico e político, permanecem exclusivas como sempre foram. Graças também a estes mecanismos, o sistema de ensino aberto a todos, e ao mesmo tempo estritamente reservado a poucos, consegue a façanha de reunir as aparências da "democratização" e a realidade da reprodução, que se realiza num grau superior de dissimulação, e por isso com um efeito maior ainda de legitimação social. (BOURDIEU; 2008, p.485)

Nos dias atuais a indiferença e a ilusão ficaram no lugar do respeito que os alunos e os pais tinham pelas escolas, para muitos as promessas escolares se tornaram difíceis de concretizar. Isso porque para classe popular existe uma contradição, a escola faz parecer aberta a todos, mais que na verdade não é, ela é dissimulada, seu real interesse é defender a educação para poucos e de forma legitimada e é isso que demarca o fracasso escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desse trabalho de conclusão de curso partiu do interesse em compreender as manifestações de violência nas escolas e as possibilidades de superação.

A partir da análise de cinquenta pesquisas (sete teses e quarenta e três dissertações), percebemos que as formas de violência mais frequentes no ambiente escolar são: Violência intrafamiliar, violência simbólica, bullying, violência de gênero, agressão física e verbal e violência psicológica.

As principais causas apresentadas como justificativas para os atos de violência percebidos na escola, de acordo com os autores dos 50 trabalhos analisados, foram: violência doméstica ocasionada pelo machismo e a intolerância, crença na inferioridade de gênero, preconceitos de classe, raça e diferenças de condições físicas.

Entre as principais alternativas ou estratégias utilizadas nas pesquisas analisadas com objetivo de superar a violência escolar, destacamos: a busca pela democratização das relações e a ampliação da participação dos alunos (MEIRELES, 2015; SILVA, 2017JUNIOR (2018); reflexões a partir da literatura contemporânea (GUTERRA, 2015); a formação dos professores e o desenvolvimento de uma cultura da paz, priorizando valores como a ética, a solidariedade e o respeito (PURIFICAÇÃO, 2014; RODRIGUES, 2014); intervenção interdisciplinar e interinstitucional para compreender e atuar nos conflitos entre os alunos e no combate ao uso de drogas (BATISTA, 2015, FARIA 2016).

Como síntese da análise dos cinquenta trabalhos, destacamos a ausência de uma teoria que investigue mais profundamente as causas da violência escolar. Portanto, destacamos a importância da teoria de Pierre Bourdieu que analisa o campo social a partir de uma lógica de dominação e violência simbólicas que permeiam todas as relações sociais, ancoradas na desigualdade de posse de capital cultural, econômico e social.

As pesquisas mostram que violências como: bullying, violência física e simbólica termina sendo ocultadas pelas escolas, pois admitir suas ocorrências é admitir que esta fracassando. Negar a realidade de nada ajuda na resolução do problema, buscar encarar é o mais certo a se fazer,

A violência é antiga, desde que o mundo existe que o ser humano adere a ela, acredita-se que tendo o homem sido primitivo, é de sua natureza essa agressividade. Os problemas familiares, de gênero e culturais são causas da violência dos jovens no ambiente escolar, mas devemos colocar no ranque a desigualdade social, que por sua vez reflete na sala de aula.

Solucionar esse fenômeno é preciso, no entanto o Brasil vem deixando o vazio e lacunas, que só aumentam por falta de providências. Mas façamos a nossa parte, busquemos linhas de pesquisa para aprimorar nosso conhecimento sobre o tema, contribuindo para uma reflexão que auxiliará as escolas de certa forma a compreender o problema e a criar intervenções favoráveis, como algumas citadas aqui, com intuito de amenizar ao menos esse fenômeno chamado violência.

REFERÊNCIAS:

ABRANCHES, L. A. **O estudo da violência como tema transversal: um possível caminho para a prática pedagógica'** 2016, 158 f. Tese (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Mato Grosso Do Sul, Paranaíba, 2016.

ALESSIO, F. C. **A violência simbólica na escola: uma abordagem a partir da visão de educandos e educadores'** 2007, 108 f.(Mestrado em Educação) Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2007.

ALMEIDA, A. M. **Violência escolar na adolescência inicial durante as aulas de educação física e o recreio'** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ANDRADE, V. F. G. **Observação da redução da violência na escola influenciada pela educação ambiental** 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em ENSINO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO AMBIENTE) Centro Universitário Plínio Leite, Niterói, 2016.

ARAGAO, A. A. S. **Violência escolar e educação em direitos humanos: significados produzidos em experiências curriculares de professores/as da baixada fluminense** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2013.

BAMBERG, R. P. **Violência nas escolas: reflexões a partir do cotidiano da rme de caxias do sul - RS** 2017, 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2017.

BARROS, M. M. **Violência escolar entre alunos do ensino médio integrado: uma análise a partir do Instituto Federal do Ceará – Campus Iguatu.'** 2014 101 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) Escola Superior de Teologia, São Leopoldo 2014.

BATISTA, H. B. C. **Prevenção do uso de drogas e violência na escola: uma análise do projeto Caravana da Cidadania da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Estado do Amazonas – SSP/AM em escolas públicas da zona sul da cidade de Manaus** 2015, 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em

Segurança Pública, Cidadania E Direitos Humanos) Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015.

BESERRA, M. A. **Violência na adolescência dentro do contexto escolar e fatores associados** 2015, 153 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BONFIM, T. R. A. B. **Relações de gênero, violência escolar e políticas públicas de educação** 2017, 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Uberaba, Uberaba, 2017.

BOURDIEU, P. ,PASSERON, J. C. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**,Lisboa, 1970.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro,1989.

BOURDIEU, P.**A miséria do mundo**. 17^a. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOURDIEU, P. (coord.) **A miséria do mundo**. 17^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARVALHO, P. C. A. **O professor mediador escolar e comunitário: desafios à violência escolar** 2013, 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2013.

CARVALHO, S. L. N. **A ação pedagógica e administrativa do gestor (diretor) perante a violência no espaço escolar** 2013, 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2013.

COSTA, M. L. S. **Violência nas escolas: contribuições da psicologia histórico-cultural para seu enfrentamento na educação**. 2014, 209 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

DINIZ, J. E. **A violência em espaço escolar: o que dizem pesquisas brasileiras (2001-2010)** 2015, 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Est.Paulista Júlio de Mesquita Filho/Rio Claro, Rio Claro, 2015

DIOGO, M. B. **Violência na escola pública? o estudo de uma realidade no município de Franca/SP**. 2015, 108 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Universidade Est.Paulista Júlio de Mesquita Filho/Franca, Franca, 2015.

FAGUNDES, Euélica. **Violência Escolar e Bullying: O papel da Família e da Escola.** Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/administracao/violencia-escolar-bullying-papel-familia-escola.htm>. Acesso em 22 de Abril 2019.

FARIA, K. S. **Juventude, violência e prevenção: uma avaliação sobre projetos de prevenção como possíveis ferramentas na diminuição da violência** 2016, 166 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Segurança Pública) Universidade Vila Velha, Vila Velha, 2016.

FERNANDES, R. B. **Violências nas escolas: uma comparação entre duas escolas diferenciadas dentro de uma mesma comunidade.** 2010, 91 f. Tese (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIORDANI, J. P. **Violência escolar: formas de manifestação e fatores associados.** 2015, 86 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GOÉS, V. M. S. **Reflexão sobre agressividade, violência e bullying na escola: perspectivas de contribuição das práticas corporais cooperativas.** 2012, 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, NATAL, 2012.

GOMES, S. M. F. **Memória social e violência: um olhar sobre práticas escolares no estado do rio de janeiro'** 2016, 122 f. Tese (Doutorado em Memória Social) UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 2016.

GUTERRA, A. L. R. **Literatura, violência e ensino: uma proposta de prática de leitura comparatista para o ensino médio'** 2015, 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Univ. Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2015.

HART, C. **Doing a literature review.** London: SAGE, 2001.

JUNIOR, A. B. S. **As ações da escola no enfrentamento da violência: o olhar dos coordenadores pedagógicos de um projeto para jovens em distorção idade-série'** 2018, 169 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

JUNIOR, E. G. M. **Gestão da prática docente: estratégias de enfrentamento da violência escolar a partir da experiência da orientação escolar'** 2014, 68 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) Fundação Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2014.

LIMA, A. **Conselhos escolares em situações de indisciplina e/ou violência: discursos de conselheiros em três escolas públicas'** 2016, 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

NETO, A. A. L. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v.8. p. S164-S172. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf> . Acesso em: 22 de Abril 2019.

NOGUEIRA, P. O. **Violência nas escolas e políticas públicas: um estudo sobre a formulação do sistema de proteção escolar e cidadania'** 2015, 169 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública E Governo) Fundação Getúlio Vargas/SP, São Paulo, 2015.

MARCOLINO, E. C. **Violência escolar: vitimização e agressão entre adolescentes da rede pública municipal de ensino'** 2015, 106 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.

MARQUES, C. A. **Diálogo na escola: ética do discurso habermasiana versus a violência escolar'** 2009, 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

MARTINS, E. F. **Violência na escola: concepções e atuação de professores'** 2005, 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Psicologia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MEIRELES, J. **Ecossistema da violência: a perspectiva de estudantes de uma escola pública.** ' 2015, 173 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) PONTIFÍCIA Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2015.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Vozes, 2002.

OLIVEIRA, E. S. M. **Imaginários de violências e conflitos na relação professor/aluno** ' 2017, 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

OLIVEIRA, H. R. **Educação em direitos humanos e a mediação como ferramenta na gestão da violência escolar: o caso da Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Jorge Teixeira** ' 2013, 286 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.

PAULO, T. S. **Violência na escola: relatos de professores em grupos clínicos de análise das práticas profissionais** ' 2013, 183 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2013.

PEREIRA, M. A. **Violência nas escolas: visão de professores do ensino fundamental sobre esta questão** ' 2003, 120 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PEREIRA, M. I. **Violência da escola e violência na escola: A percepção dos professores e professoras de escolas de Belo Horizonte e suas implicações para o espaço de trabalho Belo Horizonte 2015** ', 2015, 80 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência Instituição de Ensino) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

PINTO, R. G. **Bullying no contexto escolar: prevenção da violência e promoção da cultura da paz na perspectiva de adultos e crianças** ' 2013, 207 f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PUPO, K. R. **Violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero** ' 2007, 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PURIFICACAO, M. M. **Violência no espaço escolar e a necessidade da cultura de paz: um estudo a partir da realidade do 9 ano de uma escola em Luziânia.** 2014, 199 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

RICCIARDI, A. **Reações de enfrentamento possíveis, dos professores de ensino fundamentalii, ao bullying escolar: um olhar sobre tabus'** 2013, 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação E Saúde na Infância e Adolescência) Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013

RODRIGUES, M. V. B. B. **A mediação escolar como experiência preventiva e de redução da violência: a vivência do Observatório da Pacificação Social da Universidade Federal da Bahia '** 2014, 162 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Segurança Pública, Justiça e Cidadania) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

RODRIGUES, P. J. M. **Violência na escola e a possibilidade de mediação dialógica'** 2013, 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2013.

SABARDELOTTO, S. B. **O fenômeno bullying no instituto federal catarinense.'** 2013, 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2013.

SANTANA, T. F. **Um breve estudo sobre a violência escolar e as políticas públicas correlatas na formação continuada dos professores'** 2014, 71 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas) Universidade Estadual de Maringá, Maringá 2014.

SANTOS, José Vicente Tavares dos (Orgs.). **A Palavra e o Gesto emparedados: a violência na escola.** PMPA, SMED,1999.

SILVA, G. A.. **Políticas Educacionais, Conflitividade e Convivência Escolar entre Adolescentes: intervenções político-pedagógicas no IFRS - Campus Sertão.** 2017, 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Fundação Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2017.

SOUSA, G. D. **Violência ao docente na escola: narrativa de professora agredida por aluno'** 2016, 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas) Universidade Estadual DO Ceará, Fortaleza, 2016.

SOUSA, T. R. **As concepções das crianças da educação infantil sobre violência: um estudo a partir da psicologia e da psicanálise'** 2014, 112 f. Dissertação (Mestrado em Processos Desenvolvimento Humano e Saúde) Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SOUZA, C. A. F. **Violência e indisciplina na escola, legislação e solução de conflitos: Um estudo de caso centrado no professor mediador escolar e comunitário**, 2012, 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2012.

SOUZA, J. T. **Violências de gênero mediante percepções de estudantes do ensino médio de uma escola pública em Paranaíba/MS'** 2015, 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba 2015.

VERGNA, A. C. G. **Indisciplina e violência na escola: concepções e discursos de educadores'** 2016, 121 f. Tese (Mestrado em Educação) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos 2016.

ZECHI, J. A. M. **Violência e indisciplina em meio escolar: aspectos teórico-metodológicos da produção acadêmica no período de 2000 a 2005'**, 2008 147 f. Tese (Mestrado em Educação) Universidade Est.paulista Júlio de Mesquita Filho/pr.Prudent, Presidente Prudente, 2008.